

# #Valorpneu: Portugal tem de pensar “fora da caixa” e comunicar as suas inovações

29 de Novembro, 2021

Como habitual, a **Valorpneu** junta todos os anos vários especialistas para debater as questões centrais sobre quais as melhores soluções para os pneus em fim de vida. Desta vez, foi sobre “**A Inovação do Setor**” que se debruçou este **19.º Encontro da Valorpneu**. O encontro aconteceu na passada terça-feira, dia 23 de novembro, em formato híbrido, sendo que o Grande Real Villa Itália Hotel & Spa, em Cascais, foi palco de mais uma edição.

Dando início ao debate, **Climénia Silva**, diretora-geral da **Valorpneu**, começou por lembrar que, desde que a Valorpneu começou com a sua atividade, a entidade tem-se diferenciado pelas atitudes que vai tomando e pelos desafios que vai enfrentando. Exemplo disso foi quando constituiu, em 2002, o seu modelo de funcionamento do sistema, algo que ainda não existia: “Rapidamente, deu muitos bons resultados com níveis de recolha elevados e taxas que iam além da responsabilidade que tinha sido transferida para a Valorpneu pelos produtores de pneus”. Em 2005, após várias tentativas malsucedidas, a Valorpneu conseguiu arranjar “soluções para os pneus de grandes dimensões”, desviando os mesmos do aterro, refere a responsável, recordando que, só no ano passado, esta tipologia de pneus caiu no âmbito das entidades gestoras nacionais. A inovação é algo que já há muitos anos faz parte do ADN da entidade: “Em 2008, lançou o Prémio Inov, quando ainda muito pouco se ouvia falar em economia circular e, nessa altura, o objetivo assentava em encontrar soluções para os materiais finais da reciclagem de pneus”. Desta forma, envolveram-se “academias, laboratórios e outras instituições para arranjar soluções para a problemática”, explica a responsável, acrescentando que, após as sete edições, percebeu-se a importância de se envolver também as empresas e a comunidade e, assim, “desenhar um modelo de negócio diferente”, onde o “empreendedorismo” pudesse ser fomentado: “Há muitas ideias e conceções, mas colocar na prática é mais difícil”. Por isso, em 2016, partindo da base do Prémio Inov, surge o Prémio Inovação que permite à “ideia verde” sair do papel, abrindo caminho para que projetos com potencial possam beneficiar do *know-how* de um leque alargado de parceiros de diferentes setores de atividade e que se unem em torno desta iniciativa. Mais recentemente, em 2021, e continuando na lógica da inovação, surge o NextLap: “O foco é concretizar as soluções para os pneus e desenvolver novos produtos que estejam prontos para entrar no mercado”, afirma.

***[Pensar “fora da caixa”]***

O NextLab conta com as parcerias da Genan e Beta-i, cabendo a esta última a gestão dos projetos: “Identificamos as empresas de vários setores no mercado que poderiam ter interesse em trabalhar as soluções do pneu em fim de vida útil, seja o pneu inteiro fragmentado, seja os derivados da reciclagem do pneu”, começa por explicar **Ana Ferreira**, consultora da **Beta-i**, acrescentando

que, após esse primeiro passo, “vamos à procura dos inovadores”, sejam “startups, projetos académicos ou empresas”. Depois, é feito o “encontro entre as soluções candidatas ao programa e as oportunidades”, isto é, o “concretizar as ideias”. Além de ser um projeto “desafiante”, Ana Ferreira reconhece que foi “muito interessante”, destacando que a “economia circular” está intrínseca desde o início: “Este programa não faria sentido, se não olhássemos para os desafios numa ótica de cadeia de valor”. E as empresas que representam vários setores, “desde o retalho, o automóvel até à construção”, não conseguem sozinhas validar a integração de um solução inovadora na cadeia de valor: “Para termos a certeza que uma solução é aplicada no mercado, temos de trabalhar, desde o provedor de matéria-prima ao transformador, do distribuidor até ao consumidor final”. O NextLap é a possibilidade de se criar um “ecossistema” que seja ideal para o desenvolvimento destas soluções, afirma.

Através deste projeto, Ana Ferreira afirma que é possível comprovar-se que a qualidade dos produtos reciclados é muito boa, sendo que a “reciclagem e os componentes derivados da reciclagem do pneu” promovem claramente a inovação. No entanto, há desafios, nomeadamente ao nível do “conhecimento do mercado e do espírito de curiosidade” de perceber como produtos reciclados podem ser incorporados nos vários setores. E no que há regulamentação diz respeito, a consultora afirma que pode ser um “aspeto limitador”, não só aos pneus em si mas também a todos os temas de economia circular: “Por isso, nos programas, convidamos reguladores para assistir”. Olhando aos pneus, a consultora verifica que há “alguma dificuldade em pensar fora da caixa”, assim como “pouca motivação sobre a possibilidade de incorporar produtos reciclados dos pneus” em setores que podem fazê-lo com maior facilidade: “Existe ainda muita limitação”. E Portugal, apesar de ser um país pequeno, incorpora muita matéria-prima: “Os projetistas ainda não sentem a obrigação de arranjar soluções e recorrer aos materiais reciclados”. O mesmo não acontece na Holanda, por exemplo, que, segundo a responsável, tratando-se um país com menos matéria-prima, os projetistas estão muito mais motivados. O tema da reciclagem de pneus em fim de vida útil deve assentar, essencialmente, em passar segurança para o mercado e para as empresas de testarem: “As empresas de qualquer setor que tenham interesse em perceber como podiam incorporar os materiais reciclados dos pneus, podem fazê-lo com toda a segurança seja regulamentar, seja operacional: a solução é tomada *a posteriori* se aquela solução é viável de se incorporar no negócio”. Tão importante é comunicar e consciencializar para a utilização do pneu em fim de vida útil: “É uma necessidade de parar e refletir sobre os produtos que podem ser reintroduzidos na nossa economia”.

Por seu turno, **Fernanda Dias**, diretora-geral da **DGAE** (Direção-Geral das Atividades Económicas), parece não concordar com o facto das empresas, em Portugal, não estarem motivadas sobre as soluções para os pneus em fim de vida útil, acreditando que o problema está na “pouca eficiência” em promoverem os seus produtos: “Temos de ser capazes de mostrar que fazemos muito bem e que não haja preconceito de achar que em Portugal o produto tem menor qualidade”. E o repto é mesmo o de “pensar fora da caixa”, mas, ao mesmo tempo, “dar a conhecer” o que se faz em Portugal.

Na visão da responsável, a inovação e a colaboração são duas áreas fundamentais para que qualquer setor ou área de negócio funcione bem, estendendo-se aqui a “atuação das políticas públicas”: “A inovação e a tecnologia são essenciais do ponto de vista das empresas, e a colaboração para que, no seu todo, o setor funcione muito melhor”. E o objetivo que se sobrepõem a qualquer um dos setores é que Portugal consiga fazer melhor dentro da estratégia que está definida a nível nacional ou europeu e que se concentra no crescimento verde e digital: “Temos de ser capazes de fazer melhor”. A preocupação da DGAE é precisamente de “acompanhar e trabalhar em prol das empresas”, para que o ritmo do alcance dos objetivos a que o país se comprometeu seja possível.

No que à ecomodulação diz respeito, Fernanda Dias afirma que o objetivo é discriminar positivamente aquelas empresas de fabrico de pneus que incorporam inovação e tecnologia, premiando “aquelas empresas que, na conceção dos seus produtos já incorporaram menor utilização e substância ou misturas perigosas, materiais reciclados, maior suscetibilidade para o desmantelamento e reutilização dos produtos, valorizando no fim o resíduo”. Aliás, a ótica deve assentar na certeza de que “hoje não existe lixo”, apostando na “investigação e na inovação”, de forma a “conceder produtos melhores para o ambiente e atingir as metas” e, ao mesmo tempo, “tornar mais aberta a produção com esse incentivo”, precisa.

***[blockquote style="2"]É necessário, para além de ler a lei, perceber o seu espírito e compreendê-la para a podermos aplicar[/blockquote]***

Mudando o tema para a legislação, **Rodrigo Gonçalves**, diretor do Departamento de Resíduos da APA (Agência Portuguesa do Ambiente), começa por dizer que, quando se fala em prevenção, ela mesmo incorpora um conjunto lato de conceitos: “Por exemplo, podemos prevenir, reduzindo o consumo ou podemos prevenir dando maior potencial e utilização aos nossos produtos”. No âmbito do RGGR (Regime Geral de Gestão de Resíduos) e do UNILEX, aquilo que se procura é uniformizar, refere o responsável, acrescentando que os centros de receção e os centros de recolha são dois conceitos que se pretende harmonizar no contexto dos novos diplomas, algo que nem sempre é fácil. Quando se fala em “regras”, Rodrigo Gonçalves afirma que as mesmas têm de ser “comuns a todos”, de fácil aplicabilidade e de fácil compreensão pelos cidadãos: “Trata-se de trabalho de proximidade. É importante que estas regras sejam entendidas por todos e rastreáveis, porque estamos a falar de valores que temos de saber onde estão e para onde são encaminhados”. No que à responsabilidade alargada do produto diz respeito, o responsável refere que, tratando-se de um setor com muitas especificidades, é importante o envolvimento de todos para se clarificar os aspetos necessários: “Nesta ótica da experiência que até agora o diploma nos permitiu obter é que há questões que importa valorizar e aquelas que estão menos concebidas, estamos a trabalhar em parceria para as melhorar”.

Em matérias de legislação, Climénia Silva não tem dúvidas de que os desafios são enormes para a Valorpneu e todos aqueles que têm de interpretar a legislação, como a APA, a DGAE e os operadores: “É muito densa e é necessário, para além de ler a lei, perceber o seu espírito e compreendê-la para a podermos aplicar”. Uma das barreiras, além da sua densidade, é que a

legislação traz conceitos novos, podendo ser um entrave para a Valorpneu conseguir aplicar a mesma: “É difícil entender, quando olhamos para lei e vemos que pode ser um retrocesso no nosso sistema”. Mas o foco da Valorpneu continua o mesmo: “Não perder eficiência e manter a qualidade da prestação dos nossos serviços junto dos produtores e junto dos utilizadores do sistema”, afirma.

Já Fernanda Dias refere que a preocupação da DGAE tem sido coordenar com os operadores económicos e com a equipa governamental, principalmente, a “passagem de informação de um lado e do outro” que, no fim, resultará em “modelos” a aplicar na legislação portuguesa.

### ***[blockquote style="2"]O setor está preparado para novos desafios[/blockquote]***

Abordando o impacto que a pandemia da Covid-19 teve no mercado dos pneus, **Jorge Vieira**, responsável da **Goodyear**, em representação da **CEPP** (Comissão Especializada de Pneus) da **ACAP** (Associação do Comércio Automóvel de Portugal), afirma, primeiramente, que os produtores sempre estiveram na “linha da frente” na questão da economia circular: “Enquanto produtores e fabricantes temos procurado novos componentes que possibilitem a redução de emissões de CO2”. Passados um ano e oito meses de pandemia, o responsável refere que o impacto atingiu os níveis económico, financeiro e social. Ao nível das preocupações por parte dos fabricantes, produtores e *players*, foi precisamente a proteção dos seus ativos, nomeadamente com adoção de medidas preventivas para todos os colaboradores, bem como a adaptação de trabalhar em regime espelho, entre outras. A questão do digital foi algo que se antecipou: “Diz-se que as crises trazem oportunidades e o digital foi isso mesmo com a possibilidade dos *players* em comunicar com os clientes”, exemplifica. Apesar de algumas “interrupções”, Jorge Vieira afirma que, na generalidade, o trabalho nunca parou. E é com esta premissa que o responsável conclui, assegurando que o setor está “preparado para abraçar” os novos desafios que surgirão.